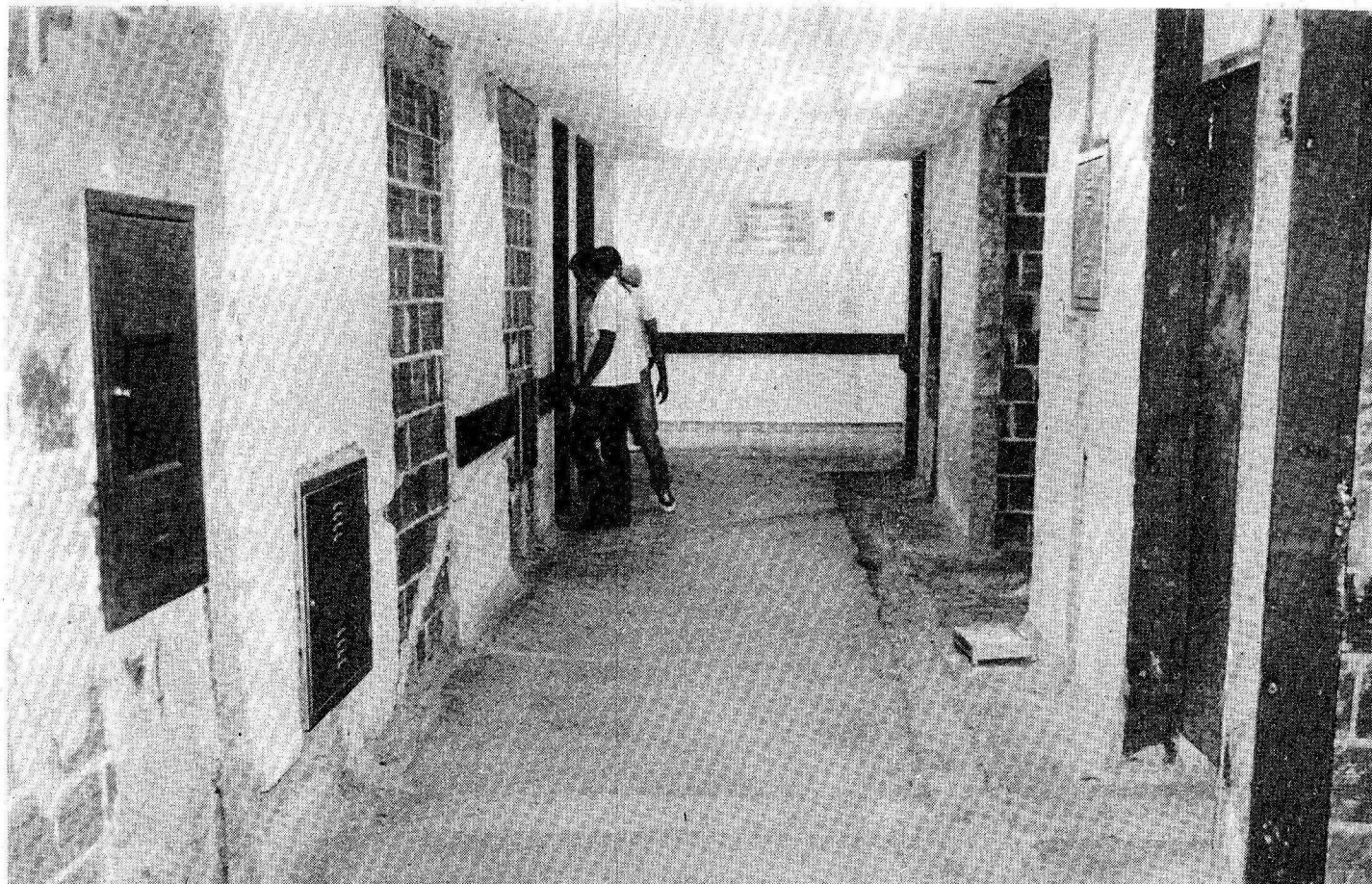


Falta medicamento no Hospital da Ceilândia

Carência de servidores e material cirúrgico dificulta atendimento de mil doentes por dia

ALDORI SILVA



Construído em 1981, o Hospital da Ceilândia, hoje, sofre pequena reforma. Os 149 leitos estão sempre ocupados

ANA CLAUDIA BARBOSA
Da Editoria de Cidade

Espaço restrito e falta de recursos humanos, de medicamentos e de material cirúrgico são os principais problemas que envolvem hoje o Hospital Regional da Ceilândia. Construído em 1981, o hospital já passou por uma grande reforma, quando foi ampliado o setor de emergência. No momento são feitas apenas pequenas melhorias internas, realizadas pelo próprio pessoal do HRC.

Único para uma população de mais de 500 mil habitantes, o hospital dispõe de 245 médicos e 26 odontólogos para atender diariamente cerca de mil pacientes. "Somente no mês de julho foram recebidas 18.500 pessoas na clínica médica, pediatria, ginecologia e cirurgia", explica o diretor Julival Rodrigues.

Os 149 leitos do hospital estão permanentemente ocupados e na emergência é comum ter pacientes deitados nas macas pelos corredores à espera de uma vaga na enfermaria. Também não é novidade a existência de médicos com "contrato duplo", ou seja, que dobram seu horário de trabalho fazendo 200 horas mensais, quando o normal são 108. Isto é resultado da carência de profissionais, uma questão que não poderá ser resolvida enquanto vigorar a lei que proíbe contratações por parte do setor público até as eleições, explica o diretor do HRC.

Para Julival Rodrigues a falta de médicos e de espaço é o maior problema que atinge o hospital. Ontem quatro parturientes esperavam, em macas colocadas em frente à obstetrícia, vagas na enfermaria. Contudo, os profissionais que prestam serviço ali acrescentam um item importante a esta lista: a falta de medicamentos. "As vezes, até analgésico dos tipos mais comuns não encontramos para dar aos pacientes", conta a médica Nizete Torres Ferreira. Ela explica que muitos pacientes, sem dinheiro para comprar remédio, voltam seguidamente ao hospital para verificar se chegou medicamento que eles precisam. "Esse povo da Ceilândia é muito sofrido", acrescenta.

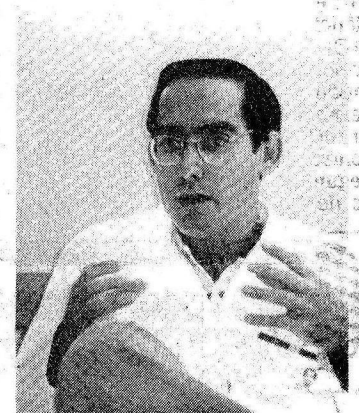
Nizete Torres é uma das médicas que dobram o horário de plantão para tentar suprir a carência de recursos humanos do HRC e por questões financeiras. "Mas já estou querendo parar pois é muito estafante", explica. Como ela, o cirurgião Nilson Cardoso há cinco meses trabalha por contrato duplo. Ele denuncia a precariedade do sistema de anestesia e radiologia. "Muitas cirurgias eletivas foram desmarcadas pela falta de anestesista". O médico cita ainda a falta de medicamentos e de material de laboratório.

Um exemplo do atendimento irregular foi presenciado ontem pelo CORREIO BRAZILIENSE. Darcília Moreira levou seu filho de seis anos — magro e pequeno para a idade — ao hospital porque tinha cortado o pé no portão de casa. O menino estava no colo da mãe com o dedo enrolado num pedaço de pano sujo de sangue há quase uma hora esperando ser atendido. Preocupada, Darcília resolveu entrar na sala do cirurgião — já cheia de pacientes — e reclamou: "Doutor, está demorando muito e eu estou com medo de dar tétano". Segundo ela o menino ainda não havia tomado nenhum medicamento. Aparentemente não sentia dor, talvez pela profundidade do corte "que deve ter deixado o dedo dormente".

OBRAS

O Hospital Regional da Ceilândia por ser de pequeno porte não possui os setores ortopédico, psiquiátrico, oftalmológico e os Centros de Terapia Intensiva e Hematologia. Porém, conforme o diretor Julival Rodrigues, um banco de sangue está para ser instalado. O assunto foi discutido na visita feita pelo secretário de Saúde, Laércio Valença, ao HRC no dia 22 de julho. Foi entregue a ele um extenso relatório contendo as necessidades prioritárias para melhorar o atendimento do hospital e dentre essas necessidades está o material para que o banco de sangue comece a funcionar.

Até o final do ano um novo setor, o de Repouso, estará funcionando normalmente. Enquanto isso os médicos se arranjaram em duas pequenas salas, com fraca ventilação. Há quatro meses uma parte do hospital está em obras — sendo ampliada — para a construção de um Repouso mais amplo. No entanto esta obra não foi isolada do restante do prédio e pacientes e médicos circulam por ali diariamente. O diretor, por sua vez, afirma que não há perigo pois não existe o "problema de infecção".



Julival Rodrigues